

4

Narrativas de velhos: histórias de vida e trabalho

[artigo 4, páginas de 68 a 85]



**Eloisa Borges**

Psicóloga e mestra em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG. Docente do curso de Psicologia pela Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG - Unidade Divinópolis; leciona Psicologia Social e Psicologia Comunitária, orientadora de estágio em Instituições de Longa Permanência para idosos.
prof.eloisaborges@gmail.com

Marasônia Corrêa da Silva

Psicóloga pela Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG - Unidade Divinópolis, pós-graduanda em Gestão e Coaching pela Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis de Divinópolis/Faced.
marassoniacorrea@gmail.com



RESUMO

O artigo constitui uma versão modificada do trabalho de conclusão apresentado ao curso de psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Unidade Divinópolis e objetiva conhecer narrativas de memórias laborais de homens e mulheres entre 60 e 86 anos, que, através de seus relatos, referenciam fatos marcantes de suas histórias de trabalhos braçais e domésticos. Trata-se, assim, de uma reflexão acerca das lembranças e experiências que, muitas vezes, são perdidas pela desvalorização do passado. A pesquisa debruçou-se nas discussões sobre velhice, o mundo do trabalho e a chegada da aposentadoria na vida dos idosos. Para isso, foi utilizado o método qualitativo, enfatizando-se narrativas e histórias de vida por meio da realização de entrevistas semiestruturadas. Pôde-se perceber que o processo de envelhecimento ainda é algo muito complexo devido às inúmeras mudanças físicas, biológicas, psicológicas e sociais pelas quais passam os indivíduos, bem como pelas dificuldades que enfrentam com a chegada da aposentadoria após longos anos de labutas, muitas vezes difíceis e desgastantes. Portanto, a pesquisa analisa a realidade apresentada na narrativa dos “velhos”, considerando e valorizando as histórias de vida.

Palavras-chave: envelhecimento, memória, trabalho, narrativa.

ABSTRACT

The article constitutes a modified versions of the psychology course completion work at the Federal University of Minas Gerais State (UEMG) – Divinópolis unit, and aims to know narratives of labor memories of men and women between 60 and 86 years old, that through their reports referred striking facts from their stories of manual and domestic work. It is, therefore, a discussion about memories and experiences that are often lost by the devaluation of the past. Research debugerd in discussions about old age, the world of work and the coming of retirement in the lives of the elderly. For this, the qualitative method was used, emphasizing narratives and life histories through semi structured interviews. The aging process is still very complex due to the innumerable physical, biological, psychological and social changes undergone by individuals, as well as the difficulties they face with the arrival of retirement after long years of toil, often difficult and exhausting. Therefore, the research analyzes the reality presented in the narrative of the “elderly” considering and valuing life histories.

Keywords: aging, memory, work, narrative.

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país que entrou na rota do envelhecimento populacional, prova disso está no fato de que a população brasileira em 2016, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), contou cerca de 29,6 milhões de pessoas acima de 60 anos. Ressalta-se que, embora a taxa de crescimento da população brasileira continue aumentando, há uma baixa em seu ritmo causada pela queda da fecundidade no país. Percebe-se, assim, que o crescimento da população envelhecida é um fenômeno que vem acontecendo em toda a parte do globo, mas que ocorre de forma não planejada e muito rápida no Brasil (POLTRONIERI, 2014).

Com o impacto abrupto do envelhecimento brasileiro algumas mudanças políticas ocorreram, tais como o Estatuto do Idoso que considera idosa a população acima de 60 anos (BRASIL, 2003). Em 12 de julho de 2017, foi sancionada a Lei nº 13.466 que altera o Estatuto do Idoso, indicando que os idosos de 80 anos ou mais serão privilegiados em relação aos idosos de menor idade. De acordo com essa lei, em todos os atendimentos de saúde os maiores de 80 anos terão preferência especial sobre os demais idosos, exceto em casos de urgência (BRASIL, 2017). Pode-se dizer que há uma institucionalização das fases da vida a partir de critérios baseados na faixa etária da população, contribuindo para a criação de expectativas sociais em relação a cada uma dessas fases.

Em meio às modificações do cenário demográfico brasileiro as condições de empregabilidade para as pessoas de 60 anos ou mais entram em decadência devido ao preconceito diante das pessoas idosas. Com isso, a sociedade brasileira vem passando por grandes transformações: a vida social está cada vez mais agitada, o tempo mais curto, as tecnologias estão mais avançadas e o vínculo empregatício dificultoso, fazendo com que o mercado e o sistema de produção norteiem as relações sociais (MENDES et al., 2005). Dessa forma, é possível pensar em que lugar se situam os velhos¹ nesse contexto, tendo em vista que o mundo do trabalho, concebido como espaço de produção financeira, funciona da seguinte forma: quanto mais produz, mais o sujeito é envolvido nesse sistema. Entretanto, quando a “máquina” começa a apresentar defeitos, ela é retirada de circulação e substituída por outras mais potentes que conseguem produzir ainda mais.

Buscando informações e estudos voltados para o tema da velhice/trabalho surge o interesse de ir ao encontro das narrativas desses sujeitos rechaçados como mercadorias dos sistemas produtivos. Este

1 A opção pelo uso da expressão “os velhos”, neste artigo, assim como de sua forma no singular, “o velho”, se deu pela tentativa de captar a carga semântica que a palavra mantém no imaginário social, ou seja, a de pessoas que perderam a jovialidade e a aparente capacidade de exercer atividades laborais. “A noção de ‘velho’ é, pois, fortemente assimilada à decadência e confundida com incapacidade para o trabalho: ser velho é pertencer à categorização emblemática dos indivíduos idosos e pobres” (BARROS, 2003, p. 72).

Artigo 4Narrativas de velhos:
histórias de vida e trabalho

artigo objetiva, portanto, apresentar narrativas de trabalho, destacando momentos marcantes nos quais é possível estabelecer diálogos com diversos autores, propondo, assim, uma valorização das memórias de pessoas que contribuíram socialmente com suas desgastantes labutas, mas que se referem com orgulho às suas vivências (ABOIM, 2014). Nesse sentido, é necessária uma aproximação junto a esses sujeitos, a fim de que sejam investigadas as suas memórias e, assim, a questão do processo da velhice/trabalho. Com isso, o foco na narrativa da palavra como continuidade de uma experiência é o que poderá contribuir para a discussão acerca das contradições e paradoxos do homem e da cultura (BOSI, 1994).

Bosi (1994) afirma que um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nesse tipo de pesquisa, é possível verificar uma história social bem desenvolvida, haja vista que os velhos atravessaram um determinado tipo de sociedade com características bem marcadas e conhecidas, e já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis (BOSI, 1994). Ressalta-se que não se deve deixar de lado o fato de que “uma lembrança, portanto, não está pronta, mas é, em cada momento, reconstruída, dependendo do lugar do narrador na sociedade no momento em que elabora suas recordações” (BARROS, 2004, p. 50).

Partindo de um olhar criterioso diante da velhice e de suas múltiplas formas de relação com o contexto do trabalho e da aposentadoria é que se pretende analisar as narrativas de homens e mulheres aposentados, objetivando perceber, junto a esses sujeitos, seus laços com o trabalho, bem como o impacto causado em suas vidas com a chegada da aposentadoria. Para isso, partiu-se de uma abordagem empírica e de cunho exploratório e qualitativo.

Foram privilegiados dois conceitos que ajudaram o campo de pesquisa: a narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2011) e a história de vida (BOSI, 1994). O primeiro consiste em “(...) um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 18). Em relação à história de vida, buscou-se dar foco às análises das histórias de velhice/trabalho dos entrevistados, o que implicou em um processo de reflexão continuada entre as pesquisadoras e seu objeto de estudo.

A seleção dos sujeitos de pesquisa foi de caráter intencional, isto é, foram convidadas a participar pessoas aposentadas que já haviam trabalhado em serviços rurais e domésticos. Os participantes do estudo se encontravam na faixa etária de 60 a 86 anos, sendo cinco mulheres e quatro homens, todos oriundos de cidades do centro-oeste mineiro. As entrevistas foram realizadas no segundo semestre de 2017, cabendo ressaltar que para preservar a identidade dos colaboradores da pesquisa foram utilizados pseudônimos.

Para a sistematização e a exposição dos dados foram selecionadas as narrativas concernentes ao início de suas vidas laborais e as dificuldades encontradas; sua identidade com o trabalho, as relações familiares e de amizade e o impacto da chegada da aposentadoria em suas vidas.

DISCUSSÃO

O envelhecimento é uma experiência plural e vários sentidos podem ser atribuídos a essa nova etapa, pois “cada pessoa vivencia essa fase da vida de uma forma, considerando sua história particular e de todos os aspectos estruturais (classe, gênero e etnia) a eles relacionados, como saúde, educação e condições econômicas” (MINAYO; COIMBRA JR., 2002, p. 14). Portanto, a velhice (ou as velhices) pode ser observada pelas mais variadas lentes, indicando-a como tempo de decadência ou de liberdade, de restrição ou de desfrute da vida. Conforme Gontarski e Rasia (2012), essas ambiguidades se fazem presentes a todo o momento na vida dos sujeitos que se encontram envelhecidos. Logo:

(...) a velhice não pode ser interpretada pelas ciências sociais como uma categoria única, abstrata, desprovida de pressupostos econômicos, sociais e históricos. Nas sociedades contemporâneas convivem lado a lado as diversas velhices: a velhice dos pobres, dos ricos, das camadas médias, dos inválidos, dos que mantêm sua autonomia, do trabalho e do lazer, a rural e a urbana, a excluída e a inserida na luta pelos direitos, de homens e das mulheres, dos asilados e dos chefes de domicílio, e assim por diante. Por isso, o ideal seria não falar a respeito da velhice, mas a respeito *das velhices*. (COUTRIM, 2010, p. 49, grifos da autora)

Artigo 4Narrativas de velhos:
histórias de vida e trabalho

Com o passar dos anos e com as transformações das sociedades, a velhice é renomeada e classificada de variadas formas, pois a representação social das pessoas envelhecidas passou e vem passando por inúmeras modificações ao longo do tempo (MENDES et al., 2005). Sendo assim, a velhice é uma construção social e temporal feita no cerne de uma sociedade com valores e princípios próprios, que vem sendo atravessada por várias questões políticas que visam uma nova condição moral que, ao mesmo tempo, é contraditória porque a mesma organização social que engendra a longevidade nega aos velhos o seu valor e a importância social que eles ocupam (CALDAS, 1997; SILVA, 2008).

Nesse sentido, alguns dos sujeitos entrevistados nesta pesquisa, quando questionados sobre a velhice, deram seus pareceres diante de suas realidades atuais. Maria, por exemplo, relata seu sentimento quanto ao direito de ser e de se reconhecer como uma pessoa velha: “Me considero velha, me sinto pra baixo, mas não me incomodo com isso. Se me chamam de velha, eu não estou nem aí, porque já estou mesmo”² (Maria, 67 anos). A mesma entrevistada continua sua fala: “Têm pessoas que não gostam de ser chamadas de velho, mas eu não ligo. Existem várias pessoas que não têm nada na vida e vivem de nariz em pé. Pobre igual nós ou pior, e que ainda desfazem da gente e acham que não são velhos” (Maria, 67 anos). Sr. Juca, outro sujeito entrevistado nesta pesquisa, também tem a mesma opinião acerca de sua velhice: “Sim, me considero velho. Ignorância é falar que não é, a gente tem que ser o que é. Tem velho por aí que apela quando é chamado de velho” (Sr. Juca, 80 anos).

2 Esta pesquisa optou por transcrever a fala dos entrevistados da forma como foi expressa por eles, ainda que do ponto de vista gramatical essa possa não ser considerada a forma adequada e correta. Essa opção se deu com o intuito de dar voz aos entrevistados, respeitando-se a variante linguística utilizada por eles.



As narrativas apresentadas pelos velhos entrevistados são construídas com base em vários episódios de um tempo experienciado e marcado tanto na memória quanto em seus corpos.

Em décadas anteriores, não havia nada de estranho ao chamar uma pessoa com mais de 50 anos de velha. Atualmente, o uso da palavra não raro causa estranheza no próprio indivíduo, que se sente ofendido ou diminuído ao ser chamado assim, conforme atesta Barros (2004, p. 48) quando afirma que “(...) as palavras velhice, velho e velha têm culturalmente um peso negativo muito grande”. Dona Zélia (63 anos) não se considera velha e não se preocupa com as marcas físicas do tempo da velhice: “Meus filhos ficam pegando no meu pé, falando que eu tô velha (...). Agora que eu posso sair e me divertir, vou me preocupar com as rugas?”. Na fala de Dona Zélia, quando ela trata dos filhos, pode-se constatar a discriminação da maioria dos jovens sobre a velhice, ou seja, “(...) os preconceitos marcam a velhice na sociedade moderna que abandona os velhos a uma existência sem significado” (DEBERT, 1999, p. 17). Entretanto, ao contrário do que os filhos pensam, Dona Zélia mantém-se ativa, sem se preocupar com os fatores físicos e biológicos que se apresentam dentro do processo de envelhecimento. Segundo Loureiro (2000, p. 27): “As noções estereotipadas da velhice, os carimbos que se colocam, sem mais pensar, (...) vêm contribuindo, como no caso do homem velho, com o pejorativo e com o depreciativo, para o esquecimento das características outras que perfazem o quadro real”.

A visão da velhice como tempo de conquista, bem como a velhice positiva, ativa, está inteiramente ligada à terceira idade, considerada no Brasil como uma nova fase do envelhecimento. O retrato claro dessa nova geração de velhos fica evidenciado na fala de Caju:

Estou com 60 anos. Eu ainda tenho muitos sonhos e muitos desejos, e me sinto aberto a qualquer condição que for colocada a enfrentar, digamos ao enfrentamento e às possibilidades. As possibilidades quando nos é ofertada tem que pegar. Eu com 60 anos faço um curso de educação física, eu leciono em uma academia, eu tenho uma vida ativa de atividade física, não me vejo como velho. (Caju, 60 anos)

A fala de Caju sugere uma identificação com um discurso socialmente veiculado de que após um projeto outros devem ser construídos, é preciso sempre ser produtivo.

As narrativas apresentadas pelos velhos entrevistados são construídas com base em vários episódios de um tempo experienciado e marcado tanto na memória quanto em seus corpos. Assimilar o sentido dessas experiências, para os velhos, significa captar a própria compreensão da trajetória de cada um e o papel da subjetividade.

Artigo 4Narrativas de velhos:
histórias de vida e trabalho

de na construção do envelhecimento (BOSI, 1994). Nesse sentido, ao longo desta pesquisa, as histórias que se fizeram mais presentes estão relacionadas às experiências que perpassavam as relações entre o indivíduo e o trabalho. Essas histórias dizem muito sobre os velhos pesquisados e seu percurso durante suas vidas laborais (GONTARSKI; RASIA, 2012), sendo que para a compreensão dessas histórias faz-se necessário valorizar as narrativas desses sujeitos, uma vez que:

(...) a figura do narrador está cada vez mais distante de nossa sociedade porque a memória não se direciona para o passado, mas para o tempo curto, imediato. Não se cultiva o hábito de lembrar, apenas de memorizar. O processo que se está observando na sociedade contemporânea é o que Benjamin chamaria de *esvaziamento da experiência*. (COUTRIM, 2010, p. 137, grifos da autora)

Portanto, a memória do passado se baseia nas histórias que, ao longo da vida, vão sendo recontadas pelas diversas vozes que soam em meio ao silêncio. Pode-se dizer que a sociedade se constituiu por meio dessas lembranças que foram se tecendo e recriando novas realidades. Assim, os velhos, ao relembrem suas histórias, dão continuidade ao processo de reconstrução do seu eu e da sociedade. Nesse sentido, as histórias relatadas, especificamente aquelas referentes ao trabalho, são fragmentos de memórias culturais fundamentais e estruturantes do desenvolvimento evolutivo (DIAS, 2007). Pode-se pensar que a mais extraordinária forma de transmissão de experiência é a transmissão oral, uma vez que "(...) o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros, e incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes" (BENJAMIM, 1994, p. 201).

As memórias dos velhos trazem um novo olhar diante do trabalho, demonstrando que a sensibilidade e o empenho na realização dessa atividade fazem com que se reflita um pouco mais sobre suas representações, porém, na atualidade, o trabalho parece ser visto predominantemente como fonte de renda e poder. No entanto, para os velhos entrevistados, o trabalho tem outros sentidos, posto que os sujeitos desenvolvem suas potencialidades, mesmo em meio às dificuldades enfrentadas pelo caminho. Pode-se perceber que prevalecem valores de cuidado, zelo, honra e dedicação, o que demonstra a projeção da subjetividade humana (POLTRONIERI, 2014).



Para os velhos entrevistados o trabalho tem outros sentidos, posto que os sujeitos desenvolvem suas potencialidades, mesmo em meio às dificuldades enfrentadas pelo caminho.

As relações de trabalho dos entrevistados se estabeleceram muito cedo, ainda na infância, como deixam claro em suas narrativas:

Eu comecei com sete anos trabalhando na roça, guiando boi, moía cana, roçava, capinava, colhia café e puxava carro de boi. Então foi assim. A minha infância foi muito proveitosa e grandiosa, porque aprendi trabalhando com as pessoas mais velhas. Quando a gente queria acompanhar os mais velhos e queria usar a palavra homem, a gente tinha que provar que era no trabalho. (Sr. José, 81 anos)

Interessante verificar na fala do Sr. José o valor do trabalho na construção da identidade do sujeito, diferentemente da Sra. Rosa (86 anos), que evidencia a percepção da exploração do trabalho infantil:

Eu comecei a trabalhar muito cedo. Meu pai era muito rígido e com sete anos fui para roça trabalhar. No frio não tinha paletó, não tinha sapato, não tinha nada, chegava lá com as canelas vermelhas naquele tempo de frio. A gente trabalhava o dia inteiro na roça. Eu tirava leite, porque a gente fazia de tudo em uma roça: capinava, plantava, tudo, tudo, só não segurei no arado para arar o terreno.

Considera-se que o ser humano usualmente cresce preparando-se para o trabalho, e que necessita dele não só por uma questão de sustentar a si mesmo, mas, também, para o crescimento pessoal e para reconhecimento social (BULLA; KAEFER, 2003). Nas memórias citadas acima acontece o inverso, pois as pessoas crescem trabalhando, dando o que tem para o sustento da família, com o suor e os movimentos de suas próprias mãos (BOSI, 1994). Mãos essas que, hoje, estão cansadas e inúteis para o trabalho produtivo, mas que refletem tempos de glória, como narra o Sr. José (81 anos):

Artigo 4Narrativas de velhos:
histórias de vida e trabalho

Então eu tinha que trabalhar e trabalhar. Às vezes, eu ainda lembro. Olha aqui os registros [ele mostra os dedos tortos e as mãos calejadas] deixados pelo trabalho, olha esse dedo pra você ver. Tá vendo como que é torto? Isso aqui é de machar parede, isso é o resultado que me honra muito, fico muito feliz em ter minhas mãos cheias de calos.

Compreende-se, assim, que as dificuldades encontradas eram algo que não abatia os velhos entrevistados que, em sua juventude, mesmo com as labutas diárias, não se esquivavam do trabalho físico. Trabalho que é motivo de honra, mas também se encontra próximo do sentido da própria origem da palavra *tripalium* que significa, literalmente, tortura.

Dona Rosa (86 anos) narra suas duras labutas, as quais ela nomeia como “tempo de roça”:

Tinha que buscar o gado, apartar as vacas, tirar leite, tratar das criações. Fazia a comida, porque o marido trabalhava de boia-fria, ia pra roça longe, levava um caldeirãozinho e a lida do sítio ficava toda pra mim. Deitava onze horas da noite e levantava três da madrugada. Então a gente tinha que plantar mandioca para fazer o polvilho, a farinha, plantar o milho para fazer o fubá. Eu e meu marido levantávamos [às] três horas, ele tirava o leite e eu fazia o almoço para ele levar para o serviço. Quando ele acabava de tirar o leite, o almoço estava pronto e já saia pra roça. Nossa Senhora, eu não aguento nem pensar no quanto era difícil!

Mesmo passando por grandes dificuldades, os entrevistados se sentem gratificados pelo trabalho: “Sofri muito, mas foi gratificante. Pegava as canas geladas que endurecia as mãos de tanto frio e, graças a Deus, estamos aqui, feliz da vida por ter passado por essas provas” (Sr. José, 81 anos). Durante as narrativas, ficou evidenciada a importância do repasse do aprendizado adquirido durante a vida laboral desses velhos: “Os meus filhos todos trabalharam comigo. Menos um, aliás. Eu ensinei eles a profissão de pintor, para que no dia que eles não tivessem ... eles tinham condições de ganhar a vida. Mas eu sempre olhava o lado da honestidade” (Sr. José, 81 anos).

Na narrativa do Sr. José, o trabalho pode ser compreendido como uma esfera que viabiliza ao homem registrar sua história, seja através dos bens adquiridos durante seu trajeto ou seja do legado repassado aos filhos e netos (GONTARSKI; RASIA, 2012). Dessa forma, é por meio

do trabalho que o homem se constitui e a produção humana é sempre social, construindo e intervindo no modo de ser da sociedade (CARDOSO, 1998). Ficou nítido, nas narrativas, o quanto as relações interpessoais de trabalho ficaram marcadas pelas relações de amizade que, ao longo do tempo, foram se estabelecendo. As interações de amizade entre os trabalhadores trouxeram satisfação e reconhecimento aos membros de uma classe (COUTRIM, 2010). Em grande parte dos relatos, conforme constatado, o trabalho se revela como uma fonte que entrelaça subjetividades, criando um cenário de oportunidades e conquistas. Sr. José (81 anos) sente orgulho das amizades conquistadas e das pessoas influentes que conheceu ao longo de sua vida laboral:

Trabalhei com pessoas influentes como Luciano Resende (Dr. Luciano), o José de Alencar, que foi vice-presidente da República. Vim trabalhar na política com o Itamar Franco, onde nos tornamos amigos. Dele chegar lá em casa, ir na minha cozinha tomar café. Ele mesmo servia ele. Eu conheci a nata belorizontina toda, todas as famílias tradicionais. Convivi durante muito tempo, quando trabalhava como trocador, com a dona Helena Antipoff. Tive o prazer, a honra de conhecer Tancredo Neves.

O trabalho é um componente importante na estruturação da identidade dos sujeitos. Aspectos como sociabilidade, reconhecimento, responsabilidade, independência, dignidade e realização pessoal constituem identidades vinculadas ao trabalho. Dona Zélia (63 anos) é uma trabalhadora, mãe de cinco filhos, que fala de suas labutas com satisfação: “Eu cresci trabalhando. Ajudava minha mãe no córrego, lavando roupa para os outros. Gosto do que eu faço. Hoje eu tenho as casas fixas que eu dou faxina toda semana, vendo produtos de beleza. Enquanto Deus me der saúde, não vou parar”.



Aspectos como sociabilidade, reconhecimento, responsabilidade, independência, dignidade e realização pessoal constituem identidades vinculadas ao trabalho.

Artigo 4Narrativas de velhos:
histórias de vida e trabalho

Coutrim (2010), em seu estudo sobre os velhos trabalhadores das ruas da cidade de Belo Horizonte, constatou que grande parcela da população envelhecida está totalmente ativa, mesmo em jornadas reduzidas, e que suas atividades não vêm a ser mais leves e nem menos desgastantes do que as dos jovens. Diante do exposto, é possível verificar que a continuidade do trabalho na velhice representa um esforço para atestar à sociedade seu lugar de trabalhador buscando afirmar a si mesmo e aos outros que a idade não retirou seu lugar no mundo (GONTARSKI; RASIA, 2012). Rute (65 anos) também relata momentos de sua vida laboral, relembrando a infância dos filhos e suas dificuldades:

Eu já trabalhei demais nessa vida, sempre em casa de família, desde moça que eu dava faxina. Parei de estudar muito cedo, então tive que continuar limpando casa para os outros. Mas graças a Deus, hoje sou quem sou, criei meus filhos, junto com meu marido e tô aí. Só que agora o trabalho é aqui em casa mesmo.

O relato de Rute apresenta o trabalho ligado à virtude, à força e à luta para o sustento da família, demonstrando, no final de sua fala, que, mesmo que o trabalho seja em casa, ele é a condição objetiva para que ela atualize, diariamente, sua identidade de mulher trabalhadora.

A família é estruturante na vida do sujeito, visto que, durante as narrativas, todos ressaltaram a importância dos filhos, das alegrias, tristezas, bem como do trabalho, considerado fundamental para o progresso de suas numerosas famílias:

Eu tenho muito a agradecer a Deus, às pessoas, aos amigos, às pessoas que me ajudaram no momento em que eu precisei com o trabalho, porque dali saía o pão de cada dia dos meus filhos. Tive uma mulher que era valente, trabalhadora, honesta e que valorizou muito o meu casamento e a minha família. (Sr. José, 81 anos)

A aposentadoria, para alguns, apresentou-se como momento de ruptura em que esses sujeitos foram convidados a se retirar do cenário do trabalho assalariado e da produção, vivenciando, assim, um dos principais rituais de passagem para a velhice (PACHECO, 2004). Entende-se a aposentaria como o ato no qual um sujeito deixa de trabalhar profissionalmente, sendo percebida como um momento de descanso e gozo das vantagens que essa possa lhe oferecer. Consiste

em um benefício que, no Brasil, é assegurado pela Previdência Social a todos os trabalhadores que preencheram os requisitos legais (GONTARSKI; RAISA, 2012).

No percurso desta pesquisa, foram encontradas situações em que o processo da aposentadoria não foi algo muito fácil. O Sr. José (81 anos), por exemplo, relata sua dificuldade para conseguir se aposentar após longos anos de trabalho árduo: “Minha aposentadoria foi difícil pelo seguinte: como nunca tive carteira assinada, aliás, eu tive carteira assinada, mas foi questão de meses, porque não tinha como trabalhar ganhando um salário mínimo. Eu toda vida nunca pude ser empregado, por eu não ter escolaridade nenhuma”. As dificuldades encontradas pelos trabalhadores ao se aposentarem são diversas devido aos trâmites burocráticos exigidos pelo poder público, fazendo com que os velhos se submetam a medidas que, algumas vezes, vão além de seus conhecimentos em situações nas quais eles têm que recorrer à ajuda de terceiros. Em alguns casos, isso acontece pela falta de informação ou pelo baixo nível de escolaridade desses sujeitos, o que se reflete na seguinte fala: “Eu fiz até o quarto ano primário” (Sr. José, 81 anos). Para Coutrim (2010), o trabalho informal acaba sendo uma saída para os velhos com baixa escolaridade e que não conseguem preencher os requisitos exigidos pela legislação.

Dona Zélia (63 anos), apesar das dificuldades com a papelada para conseguir o benefício previdenciário, fala do quanto esperou por esse dia:

Como eu esperei por este dia. O que eu mais pedia a Deus, porque ganhando o que eu ganhava, limpando casa para os outros, não sobrava pra nada. Agora, eu pego algumas faxinas, saio quando eu quero, vou pro forró, meus filhos estão criados. Posso dizer que estou bem mais tranquila. Graças a Deus!

Na narrativa de Dona Zélia, a aposentadoria significou um marco de possibilidades, qualidade de vida e independência em relação aos filhos que, segundo ela, estão todos criados, o que permite que ela viva num cenário em que possa administrar sua renda e seu tempo. Nesse caso, pode-se afirmar que “(...) a aposentadoria possibilitou ao idoso uma segurança maior de renda” (COUTRIM, 2010, p. 71).

Assim como Dona Zélia, outros entrevistados ainda continuam trabalhando, como Rita (60 anos): “Tô aposentada e levando essa vida que você está vendo aí, tô pelejando até hoje, e não posso parar por-

que o dinheiro que eu entrei ganhando na Previdência Social, hoje ele não é nem a metade, então ainda tenho que fazer um bico aqui, outro ali, para poder inteirar o dinheiro”. Muitos aposentados continuam trabalhando para complementar os valores recebidos pela aposentadoria, haja vista que esse dinheiro não é suficiente para seu sustento, principalmente quando esses aposentados são pertencentes às classes populares e são os provedores da família. Neste contexto, muitos idosos submetem-se a salários baixos e a trabalhos informais para conseguirem manter certo padrão de vida (BULLA; KAEFER, 2003; COUTRIM, 2010).

No entanto, a aposentadoria não necessariamente significa o rompimento com o trabalho, mas, sim, uma oportunidade para elaboração de novos projetos (SANTOS, 1990). Um de nossos entrevistados, mesmo aposentado, trabalha como professor de natação em uma academia: “Eu decidi duas coisas que eu ainda pretendo fazer. Eu quero ter um curso superior para ter mais segurança de ser coaching. E também o curso superior vai abrir alguma porta, para se fazer alguma coisa, tipo lecionar. Eu também sou terapeuta holístico da técnica Reiki” (Caju, 60 anos).

Dona Rosa (86 anos), mesmo com as condições físicas fragilizadas, relata sua identidade com o trabalho e sua insatisfação em não fazer nada: “Foi puxado! A gente trabalhou demais e hoje não tem nada para fazer. A gente descansa, mas vai indo, a gente fica cansada de ficar descansando. Cansa ficar à toa, sem ter nada para fazer. É ruim, não é tão bom quanto parece”. A aposentadoria pode ser um momento proveitoso de gozo dos instantes livres, contudo também pode se constituir em uma massa enorme de minutos e um peso que produz a perda do status de trabalhador (BOSI, 1994). De acordo com Santos (1990), mesmo os sujeitos que se apresentam em “(...) situação econômica e cultural que favorece o lazer, esses parecem não ter nenhuma outra fonte de interesse e de engajamento fora do trabalho”.

Sr. José (81 anos) diz da vontade que tem de voltar para Belo Horizonte, cidade onde viveu grande parte da sua vida laboral:

A minha vontade era ir para Belo Horizonte trabalhar, porque lá eu tenho condições de trabalhar, lá eu tenho uma freguesia enorme e os meus fregueses estão lá. Já vieram pessoas aqui pra me buscar para trabalhar na casa deles por questão de confiança, porque as pessoas saíam e entregavam a chave pra mim e eu cuidava de tudo. Minha preocupação é com o trabalho, ainda posso ser útil para a sociedade e para mim mesmo dentro do trabalho.

A narrativa do Sr. José apresenta traços daquilo que Santos (1990) chamaria de “aposentadoria-recusa”, isto é, a não aceitação da condição de aposentado ao sentir-se deslocado pela ausência de projetos de vida fora do trabalho. Contudo, o mesmo autor enfatiza que:

A aposentadoria (...) marca o ponto de mudança e um momento crucial na vida do sujeito, na medida em que ele deverá reinventar uma nova vida dispondo dos recursos acumulados e de sua capacidade individual de encontrar uma solução para esta crise. A passagem para a aposentadoria revela (...) as diferenças individuais, sobretudo no que concerne à capacidade de resolver os conflitos e o investimento no papel profissional. A vivência da aposentadoria será a consequência da conjugação de todas essas variáveis. (SANTOS, 1990, p. 30, grifos da autora)

Enfim, a aposentadoria se constitui como um momento que pode ser de novos investimentos e descobertas para os indivíduos, mas que também pode ser um momento de tensão e conflito, resultando em redefinição da identidade social do sujeito e, com isso, de sua própria subjetividade.

CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi investigar as narrativas laborais dos velhos evidenciando seus laços com o trabalho e os sentidos assumidos pelo mesmo. Além disso, puderam ser acessadas suas concepções sobre como o trabalho era e é visto por eles, bem como o impacto causado em suas vidas com a chegada da aposentadoria. Nesse sentido, pode-se dizer que nesta pesquisa a literatura utilizada não foi a única fonte de dados mas, também, e sobretudo, foram considerados os relatos dos sujeitos investigados, o que possibilitou um entrelace de saberes e vozes. Embora haja o entendimento de que os campos da velhice, do trabalho e da aposentadoria estejam em contínua transformação, esse é um processo que ainda precisa de atenção por parte das políticas públicas e da própria sociedade. Trata-se, portanto, de valorizar as experiências vividas e avançar no sentido de desconstruir representações estereotipadas, caricatas e do senso comum. ☺

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABOIM, S. Narrativas do envelhecimento: ser velho na sociedade contemporânea. In: *Tempo Social*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 207-232, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702014000100013&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 07 de nov. de 2017.
- BARROS, M. Envelhecimento, cultura e transformações sociais. In: PY, Ligia et al. (Org.). *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2004, p. 39-60.
- BARROS, M. (Org.) *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.
- BENJAMIM, W. *Maria e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*, v. 1. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velho*. São Paulo: Companhia de Letras, 1994.
- BRASIL. *Lei nº 10.741*, de 1º de outubro de 2003: Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília, DF, outubro de 2003.
- BRASIL. *Lei nº 13.466*, de 12 de julho de 2017: Altera os arts. 3º, 15 e 71 da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Brasília, DF. Presidência da República. Casa Civil, 2017.
- BULLA, L. C.; KAEFER, C. O. Trabalho e aposentadoria: as repercussões sociais na vida do idoso aposentado. In: *Revista Virtual Textos & Contextos*, Porto Alegre, PUC/RS, v. 2, n. 2, 2003. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/957>>. Acesso em: 08 de nov. de 2017.
- CALDAS, C. P. Memória, trabalho e velhice: um estudo das memórias de velhos trabalhadores. In: VERAS, R. (Org.). *Desafios para o terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: UnATI: Uerj, 1997, p. 121-142.
- CARDOSO, M. E. *Trabalho em equipe: uma estratégia em gestão*. Curso de especialização em Gestão Hospitalar. 1998. 130 f. Monografia (curso de especialização em Gestão Hospitalar) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/104500/Trabalho%20em%20equipe%20uma%20estrat%C3%A9gia%20de%20gest%C3%A3o.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 08 de nov. de 2017.
- CLANDININ, D. J.; CONELLY, F. M. *Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa*. Uberlândia: Edufu, 2011.
- COUTRIM, R. M. E. *A velhice invisível: o cotidiano de idosos que trabalham nas ruas de Belo Horizonte*. São Paulo: Anablume, 2010.
- DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Edusp: Fapesp, 1999.
- DIAS, M. F. *Memória viva e transmissão oral: perspectiva de vida no âmbito de uma instituição asilar divinopolitana*. Divinópolis: Inesp: Funedi: UEMG, 2007.

- GONTARSKI, G.; RASIA, J. M. Experiência de envelhecimento: trabalho e aposentadoria. In: *Mediações: Revista de Ciências Sociais*, v. 17, n. 2, p. 141-156, 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/14341>>. Acesso em: 26 de nov. de 2017.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *PNAD 2016: população idosa cresce 16,0% frente a 2012 e chega a 29,6 milhões*. 2017. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/18263-pnad-2016-populacao-idosa-cresce-16-o-frente-a-2012-e-chega-a-29-6-milhoes>>. Acesso em: 8 de nov. de 2017.
- LOUREIRO, A. M. L. *A velhice, o tempo e a morte*: subsídios para possíveis avanços do estudo. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.
- MENDES, M. R. S. et al. Situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração. In: *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 18, n. 4, p. 422-426, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002005000400011&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 8 de nov. de 2017.
- MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JR., C. E. A. *Antropologia, saúde e envelhecimento: entre a liberdade e a dependência*: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.
- PACHECO, J. L. Trabalho e aposentadoria. In: GOLDMAN, S. N. et al. (Orgs.). *Tempo de envelhecer: processos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2004, p. 201-227.
- POLTRONIERI, C. F. *Rememorando vidas: lembranças de velhos trabalhadores*. 2014. 174 f. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/123188>>. Acesso em: 20 de out. de 2017.
- SANTOS, M. F. de S. *Identidade e aposentadoria*. São Paulo: EPU, 1990.
- SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. In: *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, RJ, v. 15, n. 1, p. 155-168, jan.-mar. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702008000100009&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 12 de out. de 2017.